

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHO E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE SANTA LUZIA EM CAAPIRANGA/AM

Voluntária: Natalia Andrade Teixeira

MANAUS  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL  
PIB-SA/0140/2014  
TRABALHO E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DAS MULHERES DA  
COMUNIDADE SANTA LUZIA EM CAAPIRANGA/AM

Voluntária: Natalia Andrade Teixeira  
Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Bandeira Rodrigues

MANAUS  
2015

## RESUMO

A pesquisa trata das diversas formas de trabalho e organização sociopolítica das mulheres ribeirinhas da comunidade de Santa Luzia em Caapiranga/AM. Assume como temática central as relações de gênero estabelecendo intersecção com o trabalho, organização sociopolítica e práticas socioculturais vivenciadas no contexto local. O objetivo central consistiu em analisar as relações de gênero na forma de organização sociopolítica e do trabalho das mulheres ribeirinhas da comunidade de Santa Luzia. O estudo foi desenvolvido na Comunidade de Santa Luzia, localizada no Grande Lago de Manacapuru, pertencente ao Município de Caapiranga/AM. A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade de Santa Luzia, localizada no Grande Lago de Manacapuru no Município de Caapiranga/Am por meio do projeto intitulado *“Organização e Trabalho das Mulheres Ribeirinhas Amazônicas: um estudo nas comunidades de Santa Luzia e São Lazaro no Grande Lago de Manacapuru/AM”* financiado pelo edital 032/2012 do CNPq e do Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social: Rede de Pesquisa, Extensão e Inovação Tecnológica, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Socioambientais e Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia – INTER-AÇÃO. O trabalho de campo foi realizado tomando como parâmetro as abordagens qualitativas sem excluir os aspectos quantitativos, envolvendo uma amostra de 10 mulheres ribeirinhas desta comunidade. Dentre os principais resultados, foi constatada a importância da mulher ribeirinha no trabalho para a subsistência da família e da comunidade, a fragilidade das políticas sociais que atendem a comunidade e o desenvolvimento de formas de organização sociopolítica e cultural. Este estudo assume fundamental importância não só para a temática das relações de gênero, que atualmente vem ganhando força no âmbito acadêmico, mas, também porque poderá contribuir para fundamentar estratégias de políticas públicas voltadas para as mulheres ribeirinhas da Amazônia.

Palavras chave: mulheres ribeirinhas, trabalho, organização sociopolítica.

## **ABSTRACT**

The research deals with the various forms of work and socio-political organization of women riverside community of Santa Luzia in Caapiranga / AM. It takes as its central theme gender relations establishing intersection with work, sociopolitical organization and experienced socio-cultural practices in the local context. The main objective consistiuem analyze gender relations in the form of socio-political organization and the work of women in the riverside community of Santa Luzia.O estudofoidesenvolvido the Community of Santa Luzia, located in Grand Lake Manacapuru, belonging Município of Caapiranga / AM.A search was developed in the Community of Santa Luzia, located in Grande Lago de Manacapuru no Municipality of Caapiranga / Am through the project entitled "Organization and Work of Women Riparian Amazon: a study in the communities of Santa Lucia and San Lazaro in the Great Lake Manacapuru / AM "funded by the CNPq notice 032/2012 and the Scientific and Technological Park for Social Inclusion: Research Network, Extension and Innovation, developed by the Social and Environmental Study Group and Development of Social Technologies in the Amazon - INTER-ACTION. Fieldwork was conducted using as parameter the qualitative approaches without excluding the quantitative aspects, involving a sample of 10 riverside women of this community. Among the main results, it was found the importance of riparian woman at work for the livelihood of the family and community, the weakness of social policies that serve the community and the development of forms of socio-political organization and culturalEste study is of fundamental importance not only for the theme of gender relations, which is currently gaining strength in the academic, but also because it could help to support public policy strategies for riparian women of the Amazon.

Keywords: riverside women, work, socio-political organization.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1. Relações de gênero.....	8
2.2. Trabalho.....	11
2.3. Organização Sociopolítica.....	14
3. METODOLOGIA.....	17
4. RESULTADOS FINAIS.....	18
4.1. Caracterização do <i>locus</i> da pesquisa.....	18
4.2. Perfil das Informantes.....	23
4.3. Práticas de trabalho das Mulheres de Santa Luzia.....	28
4.4. Organização Sociopolítica e Cultural na Comunidade Santa Luzia....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6. REFERÊNCIAS.....	44
7. CRONOGRAMA.....	45

## INTRODUÇÃO

Este estudo realiza uma abordagem sobre as relações de gênero, perpassando o trabalho e organização sociopolítica das mulheres ribeirinhas da comunidade de Santa Luzia em Caapiranga/AM. Assume como temática central as relações de gênero estabelecendo relação, ainda, com a temática de populações tradicionais não indígenas na região Amazônica. Trata-se, em última instância, de uma análise de gênero entrelaçada aos temas do trabalho e organização sociopolítica. Nos marcos do objetivo geral deste projeto busca-se analisar as relações de gênero na forma de organização sociopolítica e do trabalho das mulheres ribeirinhas da comunidade de Santa Luzia.

Os desdobramentos deste objetivo central procuram caracterizar o trabalho realizado pelas mulheres ribeirinha da comunidade de Santa Luzia, identificar as práticas socioculturais destas mulheres no cotidiano da comunidade de Santa Luzia. Por fim, buscamos verificar a forma de organização sociopolítica vivenciada pelas mulheres da comunidade.

As relações de gênero no contexto das populações tradicionais não indígenas da Amazônia vêm assumindo relevância no meio acadêmico científico, sobretudo pela necessidade de uma abordagem de gênero que discuta a mulher ribeirinha, uma vez que os estudos de gênero pautados na racionalidade ocidental não tem dado conta desta realidade, não reconhecem os saberes tradicionais e as diferenças socioculturais que permeiam as relações vivenciadas nestes espaços.

Estabelecendo relação com esta temática, discute-se o trabalho entendendo este como elemento fundamental da formação humana, sendo através dele que o homem desenvolve os meios de subsistência e se coloca na sociedade através da capacidade teleológica de desenvolver meios e objetos de trabalho. Para Antunes(2010, p. 142), “a realização do ser social objetiva-se através da produção e reprodução da sua existência, ato social que se efetiva através do trabalho”.

Deste modo, destaque-se que o trabalho tem significado social, é condição para a existência humana, é também “categoria fundante do mundo dos homens porque em primeiro lugar, atende à necessidade primeira de toda sociabilidade: a produção dos meios de produção e de subsistência sem os quais nenhuma vida social poderia existir”. (LESSA, 2007, p.142).

Importante destacar, que a comunidade ribeirinha se move a favor do bem comum de todos através do trabalho, no qual as atividades são, em sua grande maioria, de subsistência. A mulher desempenha papel fundamental na agricultura com a produção da base alimentar desta comunidade, que é a farinha, e na organização do trabalho das mulheres que garante a unidade e a relação de amizade e vizinhança no convívio comunitário rural.

Este relatório contém os resultados finais desta pesquisa sendo, pois, composto pelos seguintes elementos: resumo, introdução, fundamentação teórica, resultados, cronograma, referências e anexos.

Os resultados apresentam quatro tópicos de abordagens. O primeiro apresenta a caracterização do lócus da pesquisa. O segundo tópico assenta-se na análise sobre o perfil das informantes com relação ao lugar que vivem e o que fazem na comunidade. As práticas de trabalho das mulheres e a produção da farinha na comunidade constituem-se no terceiro eixo de abordagem deste estudo. Por último, o quarto tópico de análise retrata a organização sociopolítica e cultural na Comunidade de Santa Luzia e como se dá a participação das mulheres.

É assim que esta pesquisa se reveste de singular importância não só para os estudos das relações de gênero, mas, também porque poderá contribuir para fundamentar estratégias de políticas públicas voltadas para este segmento de gênero específico das mulheres ribeirinhas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

O quadro de referência teórica desta pesquisa está assentado em três categorias analíticas que buscam iluminar as discussões aqui travadas, quais sejam: relações de gênero, trabalho e organização sociopolítica.

### 1. Relações de gênero

A análise da categoria das relações de gênero traz consigo inúmeros questionamentos e debates teóricos acerca da construção deste conceito, que muitas vezes é usado como sinônimo de mulher, mas, na verdade, trata-se de um conceito que está para além de uma concepção unilateral que compreende apenas lugar da mulher na sociedade, o conceito das relações de gênero refere-se às relações entre homens e mulheres que supera uma visão biológica do sexo feminino e masculino, conforme a leitura de Scott (1991).

Talvez o uso do conceito de gênero para falar apenas sobre condição e posição secundária que as mulheres assumiram no decorrer da história se deva ao fato de que este conceito surgiu em meados da década de 70 para embasar a luta do movimento feminista que emerge no cenário brasileiro junto a outros movimentos sociais organizados para reivindicar igualdade entre homens e mulheres a partir da construção de direitos para as mulheres.

A pauta de igualdade nos remete principalmente ao fato de que seria impossível pensar em igualdade a partir de uma visão apenas sobre o papel social da mulher, sem considerar também o papel do homem na sociedade. Neste sentido, faz-se necessário destacar que o conceito de gênero é socioeducativo, pois é construído histórico e socialmente, conforme visualiza Torres (2002, p. 37),

“Na verdade, a maneira como homens e mulheres se percebem, e se identificam é algo que vai sendo construído no curso da história, e essa construção toma formas diferenciadas de acordo com as circunstâncias, a ideologia, e as representações coletivas, isto é, de acordo com o regime de verdade de cada sociedade

Neste sentido, Scott (1991) revela que se trata de um conceito relacional que estabelece intersecção com outros conceitos como de raça/etnia e classe, está



associado a aspectos sociais, históricos e econômicos, culturais e simbólicos instituídos na sociedade, envolvendo principalmente as relações de poder.

A partir disto, faz-se necessário salientar que o estudo das relações de gênero, num primeiro momento, aparece como uma crítica aos aspectos reducionistas do patriarcado que concebe a mulher a partir do aspecto biológico, unicamente, para reafirmar a forma relacional e cultural das relações de gênero. Sobre isto, Cisne (2012, p.78) explica que

o conceito de gênero veio também no sentido de analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem

Na perspectiva crítica, gênero se constitui num conceito mais abrangente que supera o patriarcado na medida em que explica temas envolvendo mulheres e homens de forma mais histórica, entremeada pelas contradições sociais como sugere a tradição marxista. Para Scott (1991, p.7) trata-se de,

Solução baseada no duplo sistema (composto de dois domínios: o patriarcado e o capitalismo, que são separados, mas, em interação), como no caso em que a análise desenvolvida se refere mais estritamente aos debates marxistas ortodoxos sobre os modos de produção, a explicação das origens e das transformações de sistemas de gêneros se encontra fora da divisão sexual do trabalho.

Desta forma, a discussão das relações de gênero na ótica marxista retrata a forma como o sistema capitalista determina a divisão do trabalho pelo gênero, fazendo a relação entre os sistemas de gênero e os sistemas econômicos. E é a partir desta construção teórica, no interior da sociedade capitalista, que se constitui de suma importância relacionar o tema trabalho com as relações de gênero, e mais especificamente na Amazônia. Deve-se reconhecer que esta perspectiva visualizou, principalmente, a condição de trabalho no contexto das relações de gênero nas sociedades capitalistas e as relações de poder envolvidas na configuração de trabalho urbano industrial.

Este é o cenário que contribuiu para o desenvolvimento do conceito de gênero no Brasil. Os temas da participação da mulher no mercado de trabalho, na

vida política e social através dos movimentos sociais, abriram espaço para as pesquisas na temática de gênero.

Quando trata-se da Amazônia, pensar a temática de gênero significa recorrer a fatores culturais e históricos que delinearão o modo de vida e trabalho nesta região, faz-se necessário compreender que os povos amazônicos possuem uma diversidade cultural, uma construção social e histórica que se desenvolve através de um sistema simbólico entre os atores envolvidos na comunidade, a partir do estabelecimento da sua relação com os recursos naturais locais. (Geertz, 1969 apud Laraia, 1989).

No que corresponde a articulação do debate sobre gênero na Amazônia, Torres (2012) e Chaves (2001) apresentam contribuições significativas para uma análise que resgata os fatores culturais, históricos e socioambientais.

A contribuição de Torres (2012) consiste na discussão sobre o gênero e a sustentabilidade da Amazônia, reconhecendo os saberes tradicionais destes povos e propondo uma compreensão da Amazônia que supere o preservacionismo que marcou a política ambientalista na década de 1990. Torres (2012) explica a forma como a perspectiva de gênero na Amazônia poderá contribuir para a perenidade do planeta.

Neste sentido, o trabalho das mulheres das comunidades amazônicas na agricultura está diretamente associado aos recursos naturais e são elas as detentoras de conhecimento tradicional sobre a forma de manejo desses recursos, porque além de realizarem o trabalho na roça também organizam a economia familiar e comunitária. Acerca disto, Torres (2012) explica que,

A forma pela qual as mulheres se relacionam com o meio ambiente mostra que elas têm como ponto de referência as suas vivências e experiências de vida. Esse relacionamento é tecido com os papéis que elas desempenham na reprodução biológica, social e cultural. E esse desempenho de papéis tem estreita relação com o conceito de equilíbrio que envolve a relação mulher-terra, terra-vida, homem-mulher e homem natureza.

Na discussão dessa relação homem-mulher-natureza, Chaves (2001) traz inúmeras contribuições que fomentam a construção dos estudos sobre gênero na

Amazônia, ela explica essa relação “é mediada pela cultura, na sua condição de sistema de valores, usos e instituições, que de certa maneira, modelam as ações dos sujeitos, como uma espécie de artífice da estética.” (CHAVES, 2001, p.78).

A autora discute esta relação a partir da tendência da posição relativista que de que a ascendência de um elemento ou outro não está pré-determinada, depende de cada situação particular e complexa, e é esta tendência que servirá de base para este estudo, porque compreende que a Amazônia é diversa e que cada comunidade amazônica tem um modo de vida e trabalho diferenciado, sendo inviável generalizar tais particularidades.

## **2. Trabalho**

O trabalho é elemento fundamental da formação humana, é através dele que o homem desenvolve meios de subsistência e se estabelece na sociedade através de sua capacidade teleológica de desenvolver meios e objetos de trabalho. Para Antunes, “a realização do ser social objetiva-se através da produção e reprodução da sua existência, ato social que se efetiva através do trabalho”. (2010, p. 142).

Destaque-se que o trabalho tem significado social, é condição para a existência humana, é também “categoria fundante do mundo dos homens porque em primeiro lugar, atende à necessidade primeira de toda sociabilidade: a produção dos meios de produção e de subsistência sem os quais nenhuma vida social poderia existir”. (LESSA, 2007, p.142).

Pensar a categoria trabalho em Marx, implica uma discussão sobre o que ele considera como elementos do processo de trabalho, quais sejam: 1) atividade adequada a um fim, que é o próprio trabalho, 2) a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto do trabalho, 3) os meios de trabalho, o instrumental de trabalho .

O trabalho, como atividade adequada a um fim refere-se a capacidade teleológica exclusiva da espécie humana de apropriar-se da natureza e esforçar-se para construir o objeto anteriormente pensado. Em relação aos meios de trabalho, podem ser adquiridos de duas formas: primeiro fornecido pela natureza, quando o homem o separa de forma imediata do seu meio natural. Segundo, quando este

objeto é retirado da natureza por meio de trabalho que, neste caso, é matéria-prima.

O meio de trabalho, que são os instrumentos de trabalho, é uma coisa ou um conjunto de coisas que o homem usa entre ele e o objeto de trabalho e serve para realizar sua ação sobre este objeto, conforme Marx (1890).

Na análise crítica da categoria trabalho, nota-se a presença da força humana na apropriação da natureza afim de transformá-la em algo útil para a manutenção da vida humana, acerca disto Marx (1890) explica que

Trabalho é um processo de que participam homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza(...). Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, afim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.

O trabalho ribeirinho não é outra coisa senão o contato direto do homem com a natureza, numa perspectiva de reciprocidade e interdependência, em que o homem ao mesmo tempo que transforma a natureza, transforma a si mesmo, conforme revela a tradição marxista. Desta forma, o homem participa de todo o processo do trabalho, "labora e se mistura com ele" (ARENDRT, p. 149, 1999). Faz-se necessário, portanto, pensar a atividade do homem amazônico enquanto trabalho ou labor.

No entanto, inicialmente, vale destacar a diferença entre o trabalho e o labor, por Arendt (1999), que muitas vezes são termos usados como sinônimos. A autora explica que o desprezo pelo termo labor, em uso do termo trabalho, se deve ao fato de que

originalmente resultante da acirrada luta do homem contra a necessidade e de uma impaciência não menos forte em relação a todo o esforço que não deixasse qualquer vestígio, qualquer monumento, qualquer grande obra digna de ser lembrada, generalizou-se a medida em que a vida na *polis* consumiam cada vez mais o tempo dos cidadãos e com a ênfase em sua abstenção de qualquer atividade que não fosse política, até estender-se a tudo quanto exigisse esforço .

Na antiguidade, o termo labor era utilizado para designar uma atividade realizada por membros da espécie humana totalmente sujeitos à necessidade (Arendt, 1999). Por este motivo, as pessoas que desenvolviam atividades pela necessidade e subsistência, não eram consideradas “homens” e por isso foi empregado o termo “animal” ao conceito de *animal laborans*<sup>1</sup>.

O labor não é uma atividade para enriquecer o mundo e neste aspecto assemelha-se ao conceito de trabalho improdutivo, de Marx(1980). Para Arendt (1999, p. 98.), “a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, embora eivada de preconceito, é a distinção mais fundamental entre trabalho e labor”. A produtividade do Labor, diferentemente do trabalho, reside na força humana e não em um objeto ou produto,

a produtividade do labor só ocasionalmente produz objetos; sua preocupação fundamental são os meios da própria reprodução; e, como a sua força não se extingue quando a própria reprodução já está assegurada, pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca produz outra coisa a não ser vida.

Na Amazônia, o trabalho realizado pelas mulheres pode ser denominado labor, porque segue uma lógica da necessidade de prover meios de subsistência e manutenção da vida humana e de toda a espécie. Este trabalho é realizado por toda a unidade familiar e comunitária num processo de ajuda que envolve além dos familiares, os vizinhos e amigos que vivem em comunidade. Este trabalho assume, portanto, as características de um trabalho coletivo, em que cada um faz sua parte para contribuir com o sustento de toda a comunidade ribeirinha.

Note-se que a lógica deste trabalho supera a prática excludentedo capitalismo, porque todos “seus agentes se propõem a gerar trabalho e renda para todos os envolvidos no processo de produção de bens e serviços de maneira equitativa e justa, eliminando a subalternidade existente nos empreendimentos capitalistas”. (SILVAN, 2010, p.116). Some-se a isto o fato de que este trabalho tem função cooperativista e solidária, porque “sustenta-se numa ética de solidariedade e relações com a natureza que prescinde das determinações

---

derivadas das grandezas socialmente estabelecidas, quer seja no âmbito do lucro e da renda da terra, quer seja no aspecto do salário”. (TORRES, 2010, p. 197).

O trabalho realizado em conjunto por toda família, inclui também as mulheres, que são polivalentes e assumem diversas atividades na casa e na comunidade, quais sejam: trabalhar no roçado com o preparo da terra e plantio de mandioca, participar de grupos de produção, se envolver nas atividades políticas e culturais da comunidade, além dos afazeres doméstico.

A mulher ribeirinha amazônica não fica restrita a casa da família cuidando dos filhos, ela também participa de todas as atividades de subsistência da comunidade, esta forma de organização é herança cultural deixada pelos índios. “a relação do trabalho indígena se dá a partir da sua experiência com a terra, a floresta e os rios que são os maiores referenciais de sua vida”. (TORRES, 2010, p. 200). Observe-se que a comunidade ribeirinha se move a favor do bem de todos através do seu trabalho nas atividades de subsistência.

Este é o cenário em que se caracteriza o trabalho realizado pela mulher amazônica, que desempenha papel fundamental na agricultura e se empenha a favor do bem comum através do seu trabalho com a produção da base alimentar familiar e comunitária e na organização do trabalho que garante a união e a harmonia do convívio comunitário rural.

### **3. Organização sociopolítica**

A discussão sobre a organização sociopolítica no âmbito das comunidades ribeirinhas da Amazônia envolve, em primeira instância, uma análise sobre participação social, política e comunitária. Os debates aqui travados encontram base em Souza (1996) que traz uma importante contribuição sobre esta temática.

A autora entende a participação social como processo social, porque está presente na realidade social de diversos segmentos da população, principalmente das comunidades ribeirinhas da Amazônia. Desta forma, a participação social independe da influencia de agentes externos, porque faz parte do processo natural do homem de pensar e agir sobre determinada situação que requer uma solução.

Esta participação refere-se às decisões da própria vida social, no caso das mulheres ribeirinhas esta participação está presente no cotidiano da comunidade. Para além da participação nas decisões da comunidade, o modo de vida em comunidade também se configura como uma forma de organização sociopolítica.

Note-se que a organização sociopolítica eclodiu no Brasil no final da década de 70 e por toda a década de 80, quando o país passava por um processo de redemocratização, nesta ocasião tomaram conta do cenário social e político, vários movimentos sociais que reivindicavam direitos, após grandes períodos de ditadura militar, período em que houve o cerceamento dos direitos políticos.

Portanto, durante este período a história do país foi marcada por várias reivindicações e ações sociais, que Coutinho (2013, p. 21) define como “ações coletivas diante de objetivos definidos pela população. Ações como mobilizações e grupalização podem lançar elementos que predisponham a população a uma posterior reflexão e ação sobre o seu cotidiano”.

No entanto, na década de 90 o cenário social e político tomam novos rumos a partir do modelo de Estado neoliberal, em que as políticas e direitos sociais tornaram-se mínimos. Desta forma, a política neoliberal acabou por minimizar os direitos já conquistados na década de 70 e 80.

Diante deste cenário, a sociedade civil continua se organizando pela ampliação e conquista de direitos sociais e neste contexto emergem várias formas de organização social, como associações, cooperativas, ONG`s, entre outras e que “são frutos da expressiva atuação dos movimentos sociais, onde as manifestações individuais e desarticuladas transcendem para as ações coletivas organizadas” (COUTINHO, 2013, p. 21).

Diante do exposto, pode-se verificar que a participação é elemento constitutivo da organização sociopolítica e como tal, é “resultante do exercício coletivo de tomada de decisões e gestão das ações, definidas e implementadas pela população comunitária por meio da articulação de forças sociais dentro e fora da comunidade” (BARROSO, 2010, p. 60)

Por este motivo, o debate aqui travado levará em consideração as relações e correlações de força presente no grupo constituído por agentes sociais na comunidade (SOUZA, 1996) principalmente no âmbito da organização sociopolítica.

Na análise das formas de organização sociopolítica das comunidades ribeirinhas faz-se necessário considerar as influências culturais, a construção histórica e política da comunidade e as relações sociais que são estabelecidas no cotidiano comunitário. (CHAVES, 2001). Além disso, para a autora o contexto da organização sociopolítica da comunidade ribeirinha esta vinculada também a luta pelo acesso a bens e serviços e ao direito ao seu território e uso dos recursos naturais disponíveis. Chaves (2001, p.93) explica que,

as formas de organização sociocultural e política das comunidade na Amazônia, em suas singularidades, abrigam mecanismos e praticas que podem servir como instrumento para a construção de alternativa e soluções para atender suas necessidades de bens e serviços sociais.

Desta forma, a organizacao sociopolitica desta regio esta voltada para a resolucao dos problemas incomuns dos comunitario e essa forma de organizacao se dá a partir da identidade cultural de cada comunidade, no entanto é preciso levar em consideracao, tambem, os fatores externos a comunidade. No contexto interno da comunidade, o agente sociais estabelecem o manejo coletivo dos recursos, de acordo com os sabere tradicionais e desta forma estabelecem estrategias de resistencia ás influencias externas impostas pela sociedade capitalista (Chaves, 2001).

No caso da organizacao sociopolitica das mulheres ribeirinhas, vale destacar o marco inicial desta forma de organizacao que ocorreu na decada de 80, em que junto ao surgimento de muitos movimento sociais surgiu o movimento de mulheres na busca por acesso a bens e servicos publicos de maneira igualitaria, como tambem por participacao politica no cenario brasileiro. Neste periodo, na Amazônia as reivindicacoes procuravam abarcar a luta por direitos a servicos publicos e reforma agraria, alem do direito e protecao ambiental. Note-se que historicamente, a mulher nem sempre assumiu o cenario politico organizativo na sociedade brasileira.



## METODOLOGIA

Este estudo teve natureza exploratória em que foi realizado levantamento de literatura, revisão bibliográfica, entrevistas do tipo semiestruturado e estudo de caso, que de acordo com Gil (2008, p. 57) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Assumirá aporte das abordagens qualitativas e quantitativas, as quais conforme Minayo (2001), não possuem aspectos excludentes, mas de complementariedade. Autores como Scott (1991), Torres (2012), dentre outros serão requisitados para dar suporte a pesquisa.

O caminho metodológico obedeceu aos seguintes passos:

1ª fase: Pesquisa bibliográfica, em que foram realizados estudos, fichamentos e resumos de textos para a construção do referencial teórico. A revisão de literatura assumiu o processo contínuo de ir e vir do estudo em questão, perpassando todas as etapas da pesquisa. Nesta etapa foram construídos os instrumentais utilizados na pesquisa de campo, elaboração do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e Termo de Anuência, seguido da apresentação do projeto a comunidade.

2ª fase: Pesquisa de campo, em que foram elaboradas as técnicas da pesquisa, mapeamento do *locus* da pesquisa e a realização da pesquisa de campo. O universo da comunidade são de 20 mulheres, das quais 13 participaram da pesquisa, em que foram aplicados 10 formulários e 3 entrevistas do tipo semiestruturado às mulheres ribeirinhas.

3ª fase: Análise e sistematização das informações que consubstanciaram o relatório final de pesquisa e posterior apresentação foi realizada de acordo com Gil (2008), no primeiro momento foram estabelecido categorias que puderam agrupar as respostas dos sujeitos da pesquisa, seguido da tabulação eletrônica. E por ultimo, foi realizada a leitura dos dados com base nas teorias que deram suporte a esta pesquisa.

## RESULTADOS

### 1. Caracterização do *Locus* da Pesquisa

Comunidade de Santa Luzia, uma comunidade ribeirinha situada no Lago Grande de Manacapuru sob jurisdição do Município de Caapiranga, no Estado do Amazonas, conforme mostra a figura 1.



Figura 1:Localização do Lago Grande de Manacapuru em Caapiranga/Am  
Fonte: Google Maps

Para Souza (1996, p.50) comunidade “se constitui num conjunto de agente sociais que estabelecem relações e correlações de forças no âmbito sociopolítico e de trabalho”. Portanto, a realização deste estudo está ancorado neste conceito mais amplo que considera a comunidade ribeirinha para além de um grupo de pessoas e/ou agentes sociais, leva em conta suas relações no trabalho e a organização sociopolítica.

O município de Caapiranga tem a sua história atrelada ao município de Manacapuru, em 1786 foi fundada uma aldeia no local por índios da etnia Mura que recebeu o nome de Manacapuru e foi elevado a categoria de município, apenas em 1981. O nome Caapiranga tem origem Tupi e significa folha vermelha, que era usada pelos índios nas pinturas corporais durante os festejos e rituais, recebeu

este nome devido a grande quantidade encontrada no local, conforme publicado no site [www.caapiranga.am.gov.br](http://www.caapiranga.am.gov.br). Possui aproximadamente 9.456,618 km de extensão territorial e cerca de 10.975 habitantes, conforme dados do IBGE (Censo,2010).

A viagem fluvial até a Comunidade de Santa Luzia tem início no Município de Manacapuru, quando percorre-se, de voadeira, o Rio Solimões e o Rio Manacapuru até chegar ao Grande Lago de Manacapuru. Esta viagem dura, em média, 4 horas. A comunidade de Santa Luzia situa-se entre as Comunidades de Castanheira, São Sebastião e São Francisco, foi fundada em 1980, de acordo com relato de moradores, com a chegada do Senhor Elois e Dona Maria que buscaram nesta região oportunidade de moradia própria e de trabalho na agricultura, vieram com os filhos ainda menores. Desenvolveram na comunidade, roçados para produção da farinha e também plantio para o cultivo de outras raízes e hortaliças alimentícias.

A comunidade é conhecida entre os comunitários como *Bararuá*<sup>2</sup>, composta atualmente, por 192 moradores. O acesso até a sede do Município, via fluvial, dura em média 10 a 12 horas de viagem. Na frente da comunidade está localizada a Igreja Católica de Santa Luzia e á sua direita a Escola Municipal Santa Luzia, conforme a Figura 02.



Figura02: Frente da comunidade no período da cheia.

---

<sup>2</sup>Bararuá é um peixe, espécie de acará encontrado, em grande quantidade, no Lago Grande de Manacapuru/Am.

Fonte: PIBIC/2014

Atualmente residem 24 famílias, sendo 24 o número de casas. Estas são feitas na maioria de madeira, conforme mostra a figura 03, sendo que somente 4 (quatro) possuem fossas fechadas, as demais são fossas abertas tipo buraco negro.



Figura03: Casas da Comunidade de Santa Luzia  
PIBIC/2014

Quanto a infraestrutura, a comunidade possui 02(duas) escolas, 01(um) posto de saúde, 1 (um) centro social, 02 (dois) campos de futebol, 01 (uma) igreja católica , 01 (uma) igreja evangélica. Dispõe, ainda, de 01 (um) transporte coletivo, sendo uma voadeira do posto de saúde, e transportes individuais. Não há distribuição de água encanada sendo utilizada para consumo e higiene pessoal do poço artesiano e para uso doméstico, diretamente do rio.

Quanto à energia, há um motor gerador comunitário durante aproximadamente 4 horas pela noite, fazendo parte do projeto luz para todos, no qual a comunidade recebe 400L de diesel da Prefeitura de Caapiranga e 130L do Estado. Contudo, os líderes da comunidade informam que a quantidade fornecida não atende todo o mês, neste caso os comunitários colaboram, também, na compra de mais 130 L de diesel.

No que diz respeito à saúde, o posto de saúde, conforme a figura 04, está em funcionamento há 15 anos. Possui 04 (quatro) profissionais, sendo 01(um)

agente de endemias, que trabalha especificamente com a identificação da malária, 01 (um) agente comunitário que realiza visita domiciliar para a identificação de dados sobre doenças e 02 (dois) recepcionistas que exercem, também, a função de zeladores.



Figura 04: Posto de Saúde Santa Luzia  
Fonte: PIBIC/2014

Há 5 (cinco) anos a comunidade não recebe atendimento médico e odontológico pela secretaria de saúde do município. Importa destacar que, a comunidade tem recebido atendimento médico-odontológico a partir do estabelecimento de parcerias com a ONG “Asas de Socorro” e comunidades cristãs que fazem atendimento em comunidades ribeirinhas esporadicamente de forma voluntária. Em caso de urgência é necessário o deslocamento dos comunitários para a comunidade de São Lázaro através da voadeira (motor) 15 do posto de saúde para que haja atendimento na “ambulancha” desta comunidade e/ou deslocado até o município de Manacapuru/Am.

No que concerne à educação, possui 02 (duas) escolas: Escola Municipal Santa Luzia (fundada em 1980) e Escola Municipal Elois Batista (fundada em 2010), conforme as imagens 05 e 06, atualmente 8 professores lecionam da Educação Infantil até o Ensino Médio. Segundo a Gestora da Escola, há carência em relação ao material didático que encontra-se desatualizado e também em relação ao espaço físico que é pequeno para a quantidade de alunos da

comunidade. Há dificuldade, em relação ao modelo de educação multi-seriado em que alunos de 1º, 2º e 3º anos ficam na mesma turma, dificultando o aprendizado de todas as séries.



Figura 05: Escola Municipal Santa Luzia  
Fonte: PIBIC/2014

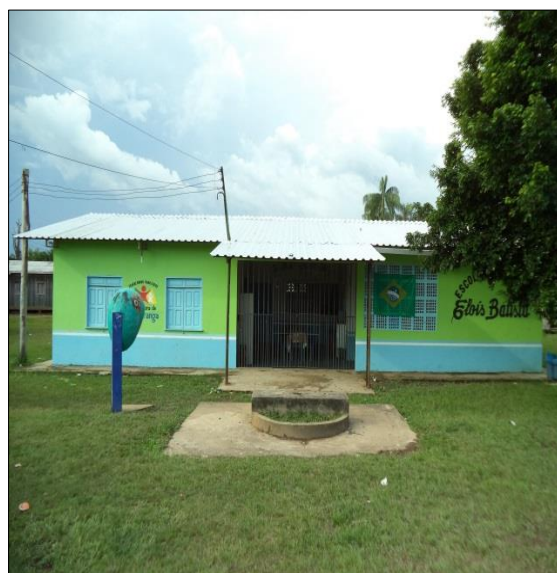


Figura 06: Escola Municipal Elois Batista  
Fonte: PIBIC/2014

A escola possui 05 (cinco) computadores, 02 (duas) impressoras, 01 (uma) TV, 01 (um) data show, 01 (uma) caixa amplificadora, 03 (três) ventiladores e 01 DVD, no entanto não possui energia elétrica para o funcionamento destes equipamentos. Outra dificuldade é a falta de água encanada, atualmente os funcionários da escola enchem a caixa com uma mangueira de borracha, porque a comunidade possui 02 poços artesianos, mas, 01 (um) encontrava-se com defeito, no momento da pesquisa.

No que diz respeito à organização sociopolítica formal, a comunidade possui 03 (três) associações: Associação de Moradores da Comunidade de Santa Luzia, Associação Rural dos Agricultores, Associação de Pais e Mestres; 02 (dois) times sendo: 01 (um) feminino e 01 (um) masculino.

Os principais problemas enfrentados no âmbito comunitário, segundo liderança local, estão entre jovens e adolescentes como: a educação devido o grande número de evasão escolar e principalmente o grande consumo de drogas lícitas como o cigarro e o álcool.

Diante deste cenário nota-se a necessidade da intervenção de um profissional como o assistente social para intervir e propor estratégias de projetos, programas e políticas sociais que atendam a essas demandas que, muitas vezes, estão distante da realidade das políticas públicas propostas ao meio urbano.

## 2. Perfil das informantes

O trabalho de pesquisa na Amazônia requer um conhecimento particular e específico acerca do perfil dos informantes que residem na comunidade, deve-se levar em consideração o fato de que cada comunidade amazônica possui uma particularidade, acerca disto Wagley (1988, p.43) explica que “uma comunidade isolada nunca é típica de uma região ou uma nação. Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional”.

Diante disto, faz-se necessário descrever o perfil das mulheres de Santa Luzia. Traçar este perfil significa dizer quem são essas mulheres, como são e o que fazem. Portanto supõe o envolvimento do pesquisador na comunidade, no sentido de aproximar-se dos sujeitos e construir uma relação de confiabilidade através de um efetivo inter-relacionamento, além de perceber através da observação participante o modo de vida dessas mulheres. Desta forma, identificaram-se características importantes para revelar o perfil dessas mulheres.

Com relação a faixa etária das mulheres da Comunidade de Santa Luzia, verificou-se que 40% das informantes possui idade entre 25 e 34 anos, conforme revela o quadro a seguir:

Idade	F.a.	F.r.
15-19	1	10%
20-24	1	10%
25-34	4	40%
35-39	1	10%
40-44	1	10%
45-49	1	10%
50-54	0	0%

55-59	0	0%
Acima de 60	1	10%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

Tabela 01 – Idade dos Informantes  
 FONTE: PIBIC/2014

Em relação ao estado civil das mulheres ribeirinhas entrevistadas, 40% são casadas, sendo que 30% são solteiras e outros 20% vivem em união estável, no entanto, foi identificado que uma das entrevistadas é separada.

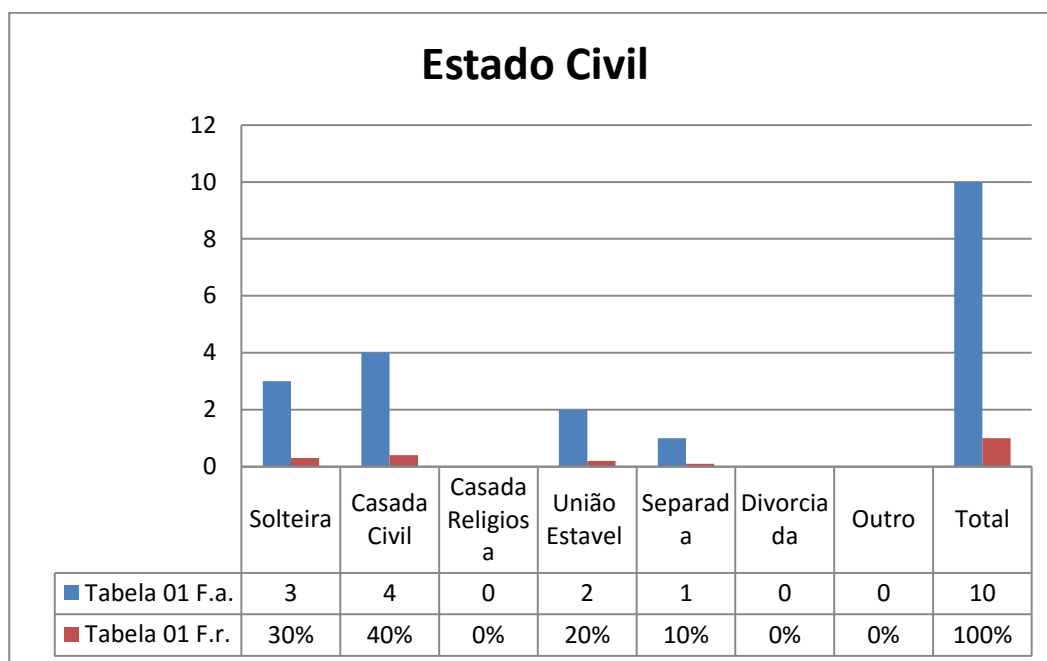


Gráfico 01 – Estado Civil  
 FONTE: PIBIC/2014

A respeito da naturalidade, verificou-se que 100% das mulheres entrevistadas nasceram no Estado do Amazonas, sendo 40% no município de Caapiranga, 40% em outros municípios e 20% em Manaus, conforme mostra o gráfico a seguir:



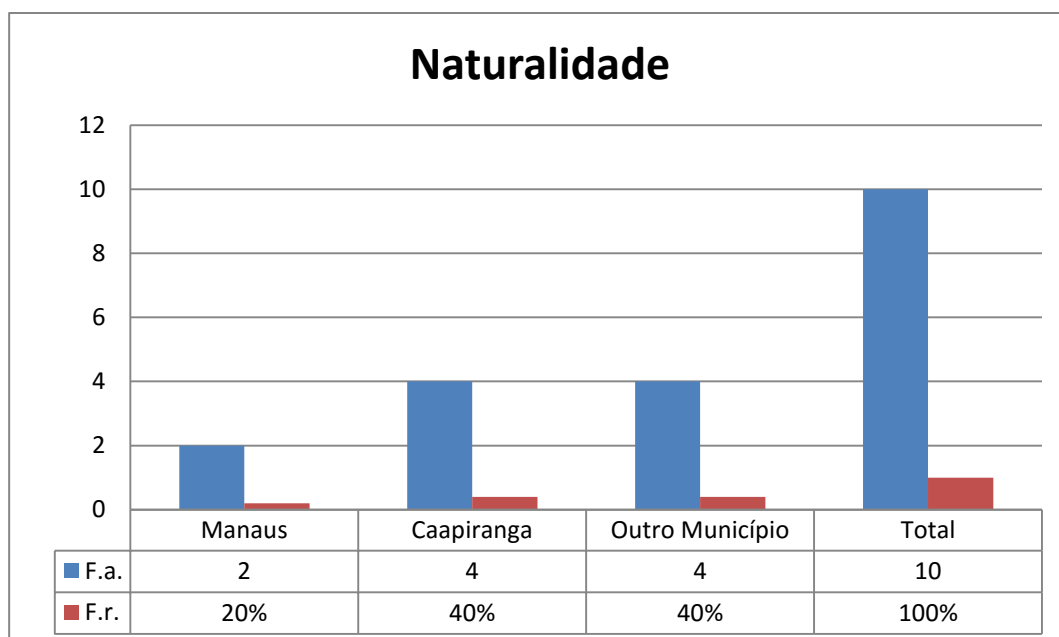


Gráfico 02 – Naturalidade  
FONTE: PIBIC/2014

No gráfico 03 pode-se notar que 40% das entrevistadas nasceram na comunidade de Santa Luzia e 60% nasceram em outras comunidades.

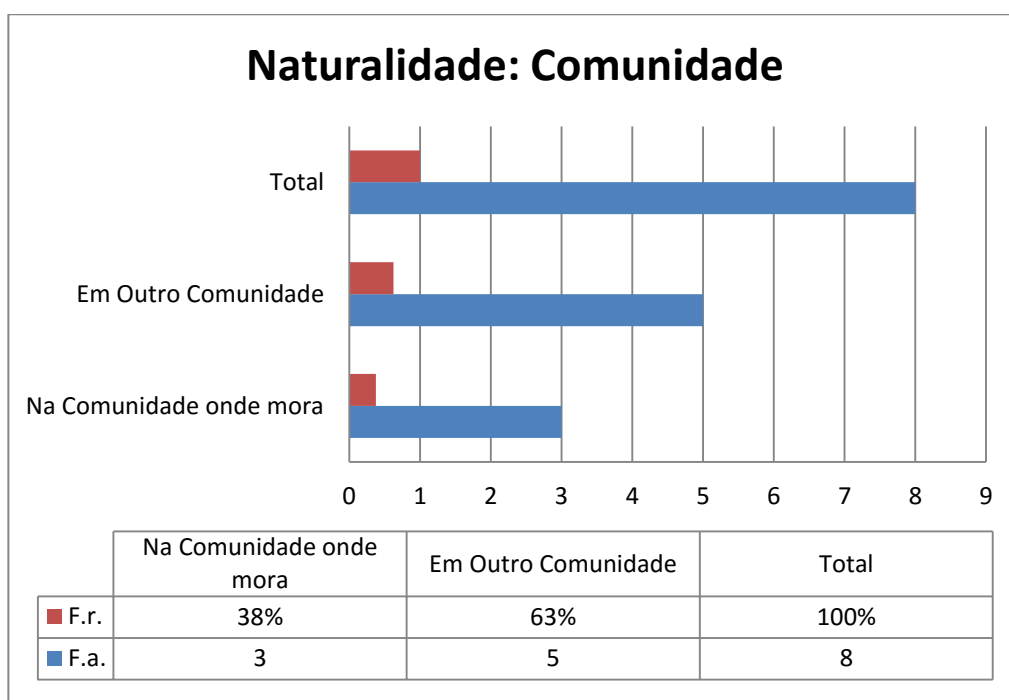


Gráfico 03 – Naturalidade: Comunidade  
FONTE: PIBIC/2014

No que concerne a educação, observou-se que 80% das mulheres sabem ler e escrever e querem continuar estudando, dentre as respostas sobre a motivação em continuar os estudos, elas afirmam que é através do estudo que terão melhores oportunidades de emprego e melhoria na qualidade de vida. Quanto

ao grau de escolaridade, destaca-se que 40% possui ensino médio completo, 20% ensino médio completo e 20% possuem ensino superior completo, de acordo com o gráfico a seguir:

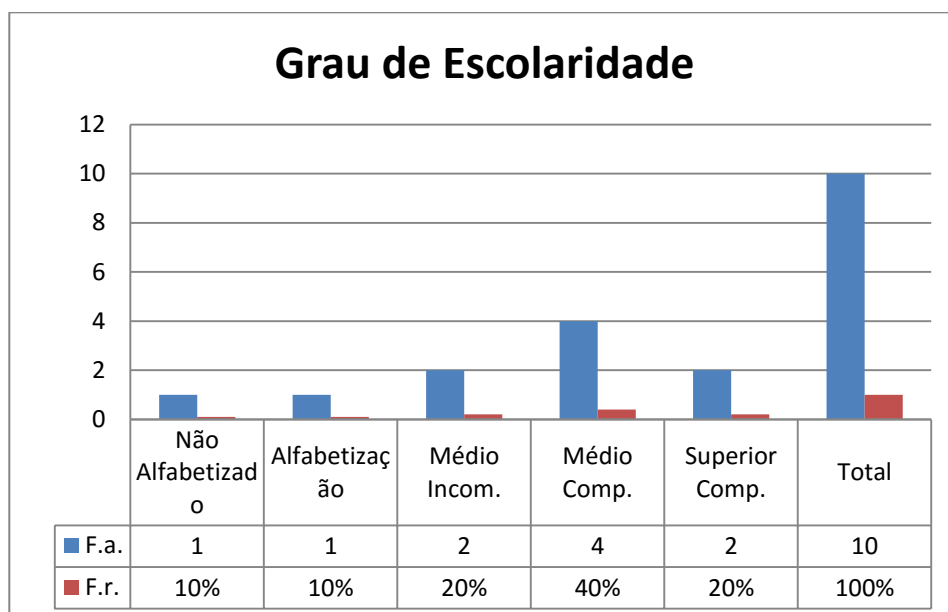


Gráfico 04- Escolaridade  
 FONTE: PIBIC/2014

Dessas mulheres, 50% ainda estudam e 80% pretende continuar os estudos. Esse fator nos remete principalmente ao desejo e a importância que a educação formal tem para as mulheres ribeirinhas em Santa Luzia, é o que revela uma das informantes “quero estudar para melhorar de vida e ajudar as pessoas” (B. 23 anos, entrevista/2014). Note-se que a fala desta entrevistada revela sua intenção de contribuir para a melhoria de vida, não só dela, mas, de todos os outros que vivem na comunidade.

No que diz respeito às condições de moradia, das 10 informantes, 90% afirmam que o terreno não é próprio e pertence a comunidade e 100% afirmam não possuir nenhum documento do terreno e/ou da casa. Quanto às características da casa, 70% são feitas de madeira e 30% são mistas (madeira e alvenaria), além disso 60% possuem fossa sanitária, 100% possui energia elétrica fornecida pelo gerador da comunidade 4h por noite, 75% pega água no rio, 33% aproveita a água da chuva e 38% em poço artesiano da comunidade.

Com relação ao perfil socioeconômico das mulheres, esta pesquisa revela que 50% das informantes são Agricultoras e 50% delas exercem outra profissão,

sendo 90% professoras e 10% agente de saúde. A principal atividade produtiva dessas mulheres é a agricultura, conforme revela o gráfico 05, 50% delas não desenvolvem outra atividade produtiva.

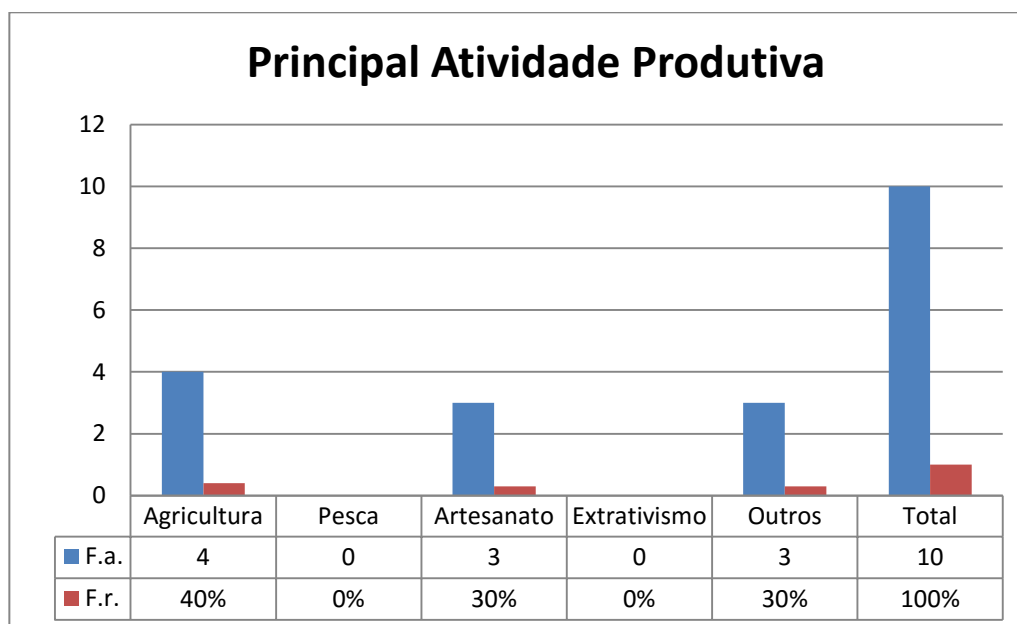


Gráfico 05: Atividade Produtiva  
FONTE: PIBIC/2014

A respeito da renda familiar, note-se que a 50% das mulheres detêm a renda principal da família, este valor refere-se àquelas que são professoras na Comunidade de Santa Luzia, de acordo com os dados estatísticos do gráfico a seguir:

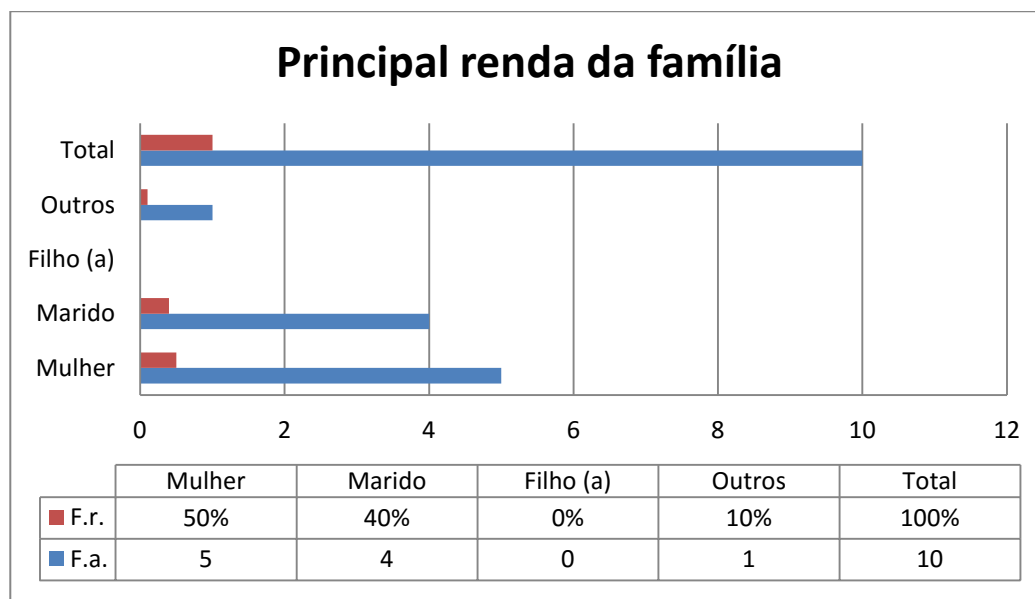


Gráfico 06: Renda Principal  
FONTE: PIBIC/2014

Destaque-se que 40% das famílias possui uma renda familiar inferior a 1 salário mínimo, 20% possuem renda de até 1 salário mínimo e outros 20% entre 1 e 2 salários mínimos, de acordo com o gráfico 07.

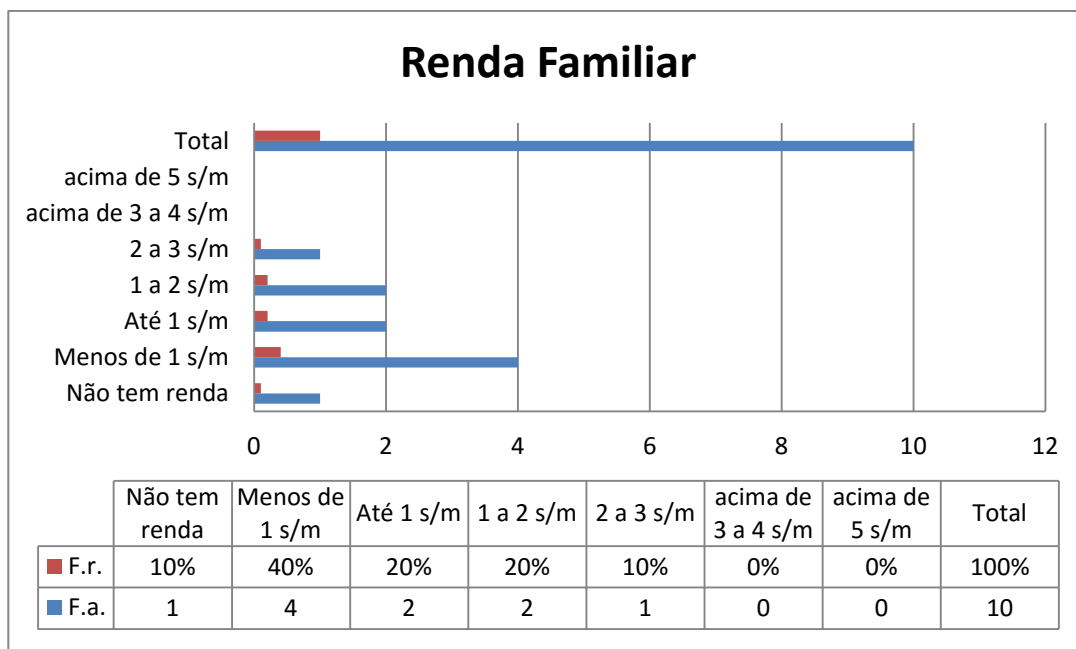


Gráfico 07: Renda Familiar  
FONTE: PIBIC/2014

Diante disto, este estudo revela que as mulheres ribeirinhas de Santa Luzia são trabalhadoras, mães, esposas e assumem uma múltipla jornada de trabalho, sobretudo estão envolvidas no contexto comunitário rural com diversas atividades tanto no âmbito familiar quanto no comunitário participando principalmente do processo de tomada de decisão na comunidade.

### 3. O trabalho das mulheres no contexto comunitário

A rotina das mulheres ribeirinhas na Comunidade de Santa Luzia tem início já nas primeiras horas da manhã quando preparam o café da manhã da família e cuidam de todos os afazeres domésticos, logo em seguida seguem para desenvolver o seu trabalho. Considera-se como trabalho,

“o processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza(...).afim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida.”( MARX, 1989, p. 202)

Acerca disto, esta pesquisa revela que 60% das informantes se identificam como agricultoras e assumem esta atividade como uma profissão e 40% exercem outras profissões, conforme o gráfico 08.

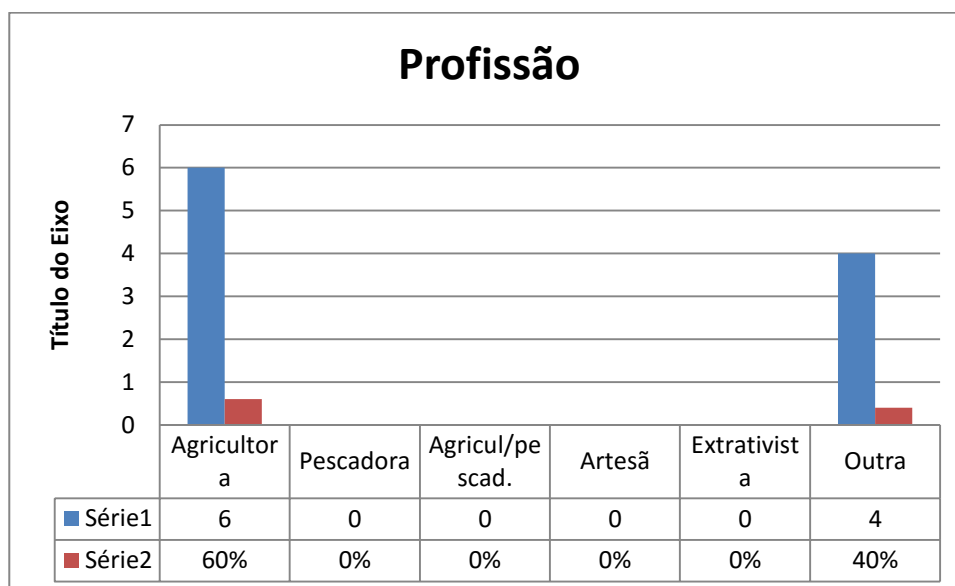


Gráfico 08: Profissão  
 FONTE: PIBIC/2014

No entanto, as que exercem outras profissões, também realizam atividades de agricultura para subsistência e alimentação. Para Wagley (1988, p. 83) “grande parte desta gente provê a sua subsistência com uma agricultura primitiva ou, mais propriamente, lavoura, com a caça e a pesca, com a extração dos produtos naturais da floresta ou com um pouco de tudo isto”.

Estas mulheres estão envolvidas diariamente com o trabalho da roça, a agricultura está presente rotineiramente no cotidiano da comunidade e na vida dessas mulheres desde a sua infância. É o que revela, a seguir, uma das entrevistadas:

“Trabalho na roça desde dez anos de idade com meus pais. Meu pai era seringueiro porque naquela época roça não dava dinheiro, só o que dava era produtos do mato: sova e seringa. A gente plantava só para comer mesmo.” (D.M. 63 anos)

Note-se que a fala desta entrevistada confirma o pensamento de Wagley (1988) sobre a agricultura e também sobre a prática de extração de produtos naturais presentes nas comunidades amazônicas. Esta fala revela também a forma de trabalho sendo repassada pelos pais através da tradição oral aos filhos ainda quando crianças. Acerca disso, os dados deste estudo apontam que 50% das

entrevistadas realizam a atividade da roça a mais de 10 anos e ainda da mesma forma como era feita no passado, pois aprenderam-na com os pais ou com algum parente, conforme revela o gráfico a seguir.

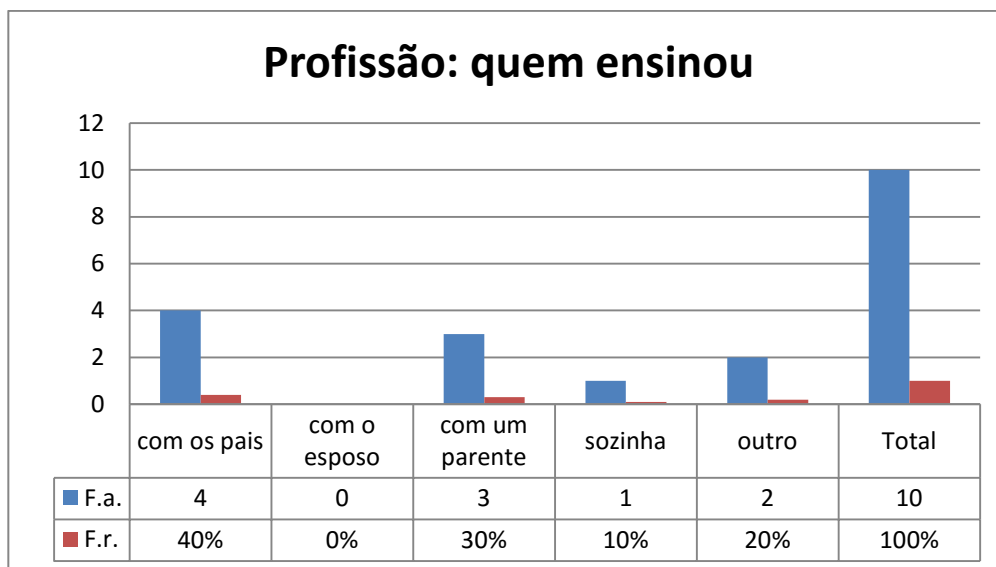


Gráfico 09- Profissão: quem ensinou  
FONTE: PIBIC/2014

Este dado remete principalmente ao fato de que o trabalho na agricultura assume características culturais que se delinearam no decorrer da história e do tempo, são costumes e práticas desenvolvidas pelos primeiros moradores da Comunidade de Santa Luzia e que foram repassadas através da tradição oral e visual.

Contudo, essas mulheres são polivalentes e sua rotina não se detém apenas às atividades domésticas e atividades da roça. Dentre as outras profissões exercidas na comunidade, estão professora e agente de saúde. Destaque-se que muitas mulheres da comunidade estão envolvidas com o trabalho da Escola Municipal, exercendo diversas atividades como de gestora, professora, merendeira e zeladora, no período vespertino e noturno. Algumas delas trabalham voluntariamente devido a falta de recursos humanos na Escola e pela necessidade de atender esta demanda advinda da comunidade.

Diante do exposto, reflete-se acerca da não efetivação de políticas públicas no interior da comunidade e de que forma o poder público local tem buscado atender essas demandas. Enquanto o Estado não acena com políticas públicas que de fato atendam as necessidades dessa população, as mulheres se organizam

politicamente para buscar meios de suprir as necessidades da comunidade, principalmente na área da educação. Contudo, elas conhecem o dever do Estado e avançam nessa discussão com o objetivo de trazer melhoria dos serviços na comunidade.

Além disso, esta pesquisa revela que 30% das mulheres consideram o artesanato como sua principal atividade produtiva.. Esta atividade é uma herança cultural dos povos indígenas, mas, que hoje poucas pessoas da comunidade realizam. É o que revela uma das informantes: “só eu mesmo daqui que faço paneiro, peneira, vassoura...faço tudo com cipó titica. Pego na mata mesmo (...). Ah ninguém quer aprender mais fazer isso não, quando eles precisam eu tenho que fazer.” (D.M., 63 anos, entrevista/2014).

A fala de D.M. mostra que não há na comunidade uma prática de atividades artesanais, mesmo que os materiais produzidos por ela sejam importantes como instrumentos para o trabalho na roça como o paneiro e a peneira. Muitos desses instrumentos são de suma importância para o trabalho da agricultura no plantio de maniva para a produção de farinha, que faz parte da rotina diária das mulheres ribeirinhas.

O trabalho na agricultura está presente no cotidiano dessas mulheres, elas acordam cedo e vão para o roçado. É através do trabalho que a mulher estabelece sua relação com a natureza, e no caso das populações tradicionais amazônicas essa relação ocorre através de um contato direto com os recursos naturais.

Esses roçados, em sua maioria, são para cultivo de mandioca para a produção de farinha, que ocorre durante todo o ano. O objetivo das mulheres com a produção de farinha não está ligada, apenas, à venda, mas também consiste em prover a alimentação da família e comunidade como forma de subsistência. Portanto este trabalho não segue uma lógica capitalista, de acúmulo de finanças e sim de prover meios e estratégias de subsistência.

Nas comunidades amazônicas é comum o cultivo da mandioca para a produção de farinha, que se constitui em um dos alimentos principais da base alimentar das populações tradicionais da Amazônia, esse fato nos remete principalmente a uma construção sócio-histórica e cultural sob a qual se deu o processo de apreensão dos saberes tradicionais desde as primeiras gerações até os dias atuais. O cultivo da maniva é realizado de acordo com o costume de cada

comunidade, faz parte de uma herança cultural dos povos indígenas passada entre as gerações. Para Pinto (2002, p.2),

os múltiplos e variados aspectos que envolvem o seu cultivo e transformação em alimento conferem-lhe considerável importância histórica, econômica e social. Da produção ao consumo final, um conjunto de práticas, relações sociais, cosmologias e representações simbólicas expressam significados cujos conteúdos revelam elevado valor cultural.

A mandioca tem inúmeros usos, além de farinha e goma, pode se extrair dela o tucupi, bebida típica da Amazonia. Ainda hoje, o cultivo dessa raiz é realizado através de técnicas tradicionais no interior da Amazônia. Na comunidade Santa Luzia, as mulheres assumem o cultivo dessa raiz, são elas as detentoras desse conhecimento tradicional. Acerca disto, Wagley (1988, p. 54) ressalta que “a técnica agrícola da queimada e as principais culturas de alimentos ( mandioca, milho, feijão, etc) são de origem indígena”. Essa herança indígena é facilmente notada nas práticas de trabalho das mulheres e a forma rudimentar como realizam essas atividades.

Destaque-se que o início do cultivo da mandioca se dá a partir da escolha do terreno para o plantio, conforme a tabela abaixo:

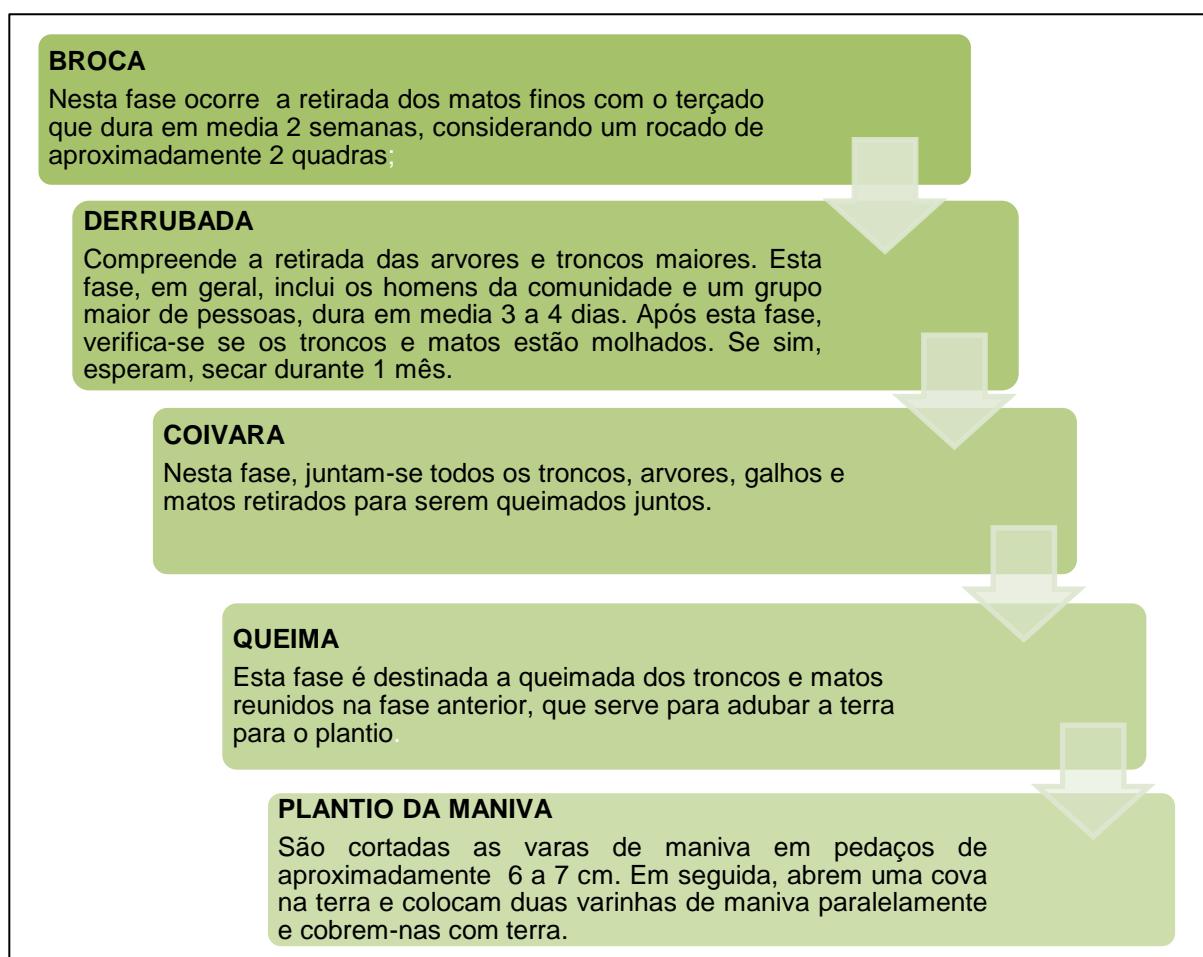




Tabela 02: Cultivo da Mandioca  
Fonte: CNPq, Pesquisa/2014

O roçado, geralmente, é feito coletivamente por varias pessoas da comunidade, este trabalho coletivo é conhecido na comunidade como ajuri. Wagley (1988, p. 87) confirma que, “o trabalho de uma roça, entretanto, nunca é feito por um só homem, nem de maneira tão sistemática como poderia parecer.” Esse processo de cultivo é realizado através de um calendário pautado no saber tradicional, que segue a lógica da natureza, do clima, da terra, do rio e da época do ano, conforme o quadro a seguir.

<b>Período de Plantio da Maniva</b>			
<i>Cheia</i>		<i>Vazante / Seca do Rio</i>	
<b>Maio</b>	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>
<p><b>Após o plantio da Maniva, ocorre a espera de 1 ano para colher a mandioca. Na próxima cheia, retira-se a mandioca antes que os roçados alaguem.</b></p>			

Tabela 03: Período de Plantio da Maniva  
Fonte: CNPq, Pesquisa/2014

Após a colheita da mandioca, as mulheres se preparam para o processo de produção da farinha e de outras alimentações provenientes da mandioca, como a goma e o tucupi. Elas arrumam a mandioca no paneiro de forma organizada para que possa levar maior parte das mandiocas colhidas de uma vez só, colocam-na na cabeça e seguem para a casa de farinha, que geralmente, fica distante da roça.

Destaque-se que as crianças sempre acompanham as mulheres nas atividades do roçado e conhecem todo o processo para a produção da farinha. Esse processo se dá em quatro etapas, a saber: por na água, descascar a mandioca, por na prensa, peneirar e torrar.

Após a colheita da mandioca as mulheres carregam o paneiro nas costas e levam para a água, onde colocam a mandioca de molho na água durante 3 dias até ela ficar “puba”. Após este período elas descascam-nas, em seguida colocam a massa de mandioca no motor para triturar (figura 09), peneiram (figura 10) e torram no forno de farinha (figura 11), com o auxílio de instrumentos que elas mesmas constroem de forma artesanal e tradicional de acordo com as figuras abaixo.



Figura 09: Motor  
FONTE: PIBIC/2014



Figura 10: Local para peneirar a farinha  
FONTE: PIBIC/2014



Figura 11: Forno de Farinha  
FONTE: PIBIC/2014

É desta forma que se dá o processo de cultivo da mandioca para produção de farinha pelas mulheres ribeirinhas de Santa Luzia para subsistência de suas famílias, diante disso faz-se necessário pensar e discutir estratégias de políticas sociais no âmbito da geração de renda e segurança alimentar através do trabalho desenvolvido por elas, de modo que sejam resguardados a cultura local e os saberes tradicionais.

#### **4. Organização sociopolítica e cultural das mulheres de Santa Luzia**

Neste tópico será apresentada a caracterização da organização sociopolítica e cultural da Comunidade de Santa Luzia traçada a partir da aplicação de formulários e entrevistas do tipo semiestruturados junto à amostra de mulheres ribeirinhas que residem na comunidade.

O contexto comunitário rural na Amazônia apresenta-se como um espaço em que estão refletidas diversas expressões da questão social, assim como no meio urbano, entretanto a localização e distancia das Capitais tornam ainda mais difícil o acesso a bens e serviços públicos pelos comunitários de Santa Luzia. O trabalho de campo nesta comunidade revelou a precariedade e, até mesmo, a falta de políticas sociais na comunidade, principalmente na área da saúde, assistência e previdência social que formam o tripé da seguridade social assegurada pela Constituição Federal de 1988.

Esta pesquisa revela que 90% das informantes afirmam não possuir acesso à previdência social, o que salienta a falta de acesso a informação acerca de benefícios previdenciários e formas de contribuição por trabalhadores rurais como agricultores e pescadores, por exemplo. Enquanto, com relação à assistência social, apenas 10% da amostra afirma participar do Programa Bolsa Família, conforme revela o gráfico a seguir.

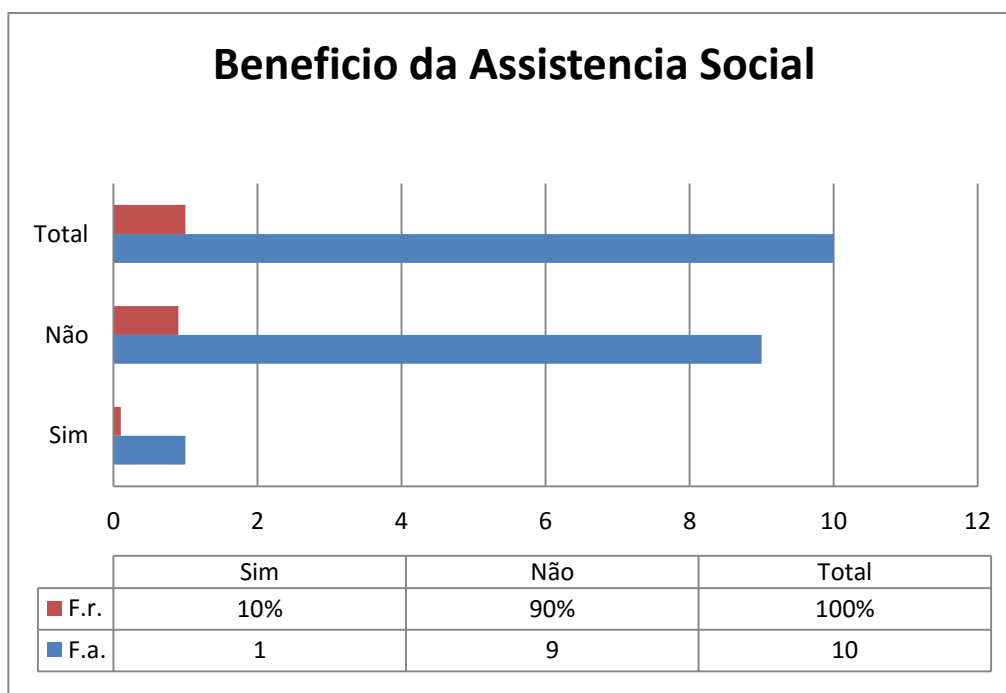


Gráfico 10 –Benefício da Assistência Social  
 FONTE: PIBIC/2014

O Bolsa Família é um programa do Governo Federal que transfere renda a famílias com renda per capital inferior a R\$140,00, mas, para receber tal benefício existem condicionalidades que referem-se ao compromisso assumido entre as famílias e o poder público para otimizar o acesso a direitos sociais básicos, como na saúde, por exemplo, deve-se acompanhar o cartão de vacinação e crescimento das crianças menores de 7 anos, as mulheres entre 14 e 44 anos devem fazer acompanhamento, em caso de gestação devem fazer o pré natal e acompanhamento do bebe após o parto.

Entretanto, na Comunidade de Santa Luzia há dificuldade na articulação de tais políticas sociais devido a precariedade no acesso aos serviços públicos. Na área da saúde, ressalta-se a falta de atendimento médico que não ocorre há mais de 10 anos, conforme informações dos comunitários. Além disso, este estudo revela que 90% das informantes afirma receber medicamentos e atendimento de saúde apenas pelo agente de saúde comunitário.

Este cenário apresenta uma realidade diversa e específica devido a localização geográfica da comunidade localizada na Amazônia e afastada do meio urbano, faz-se necessário, portanto buscar estratégias e soluções para o acesso

equitativo aos direitos sociais que caminhem em direção ao respeito as especificidades locais.

Diante disto e de outras problemáticas que emergem no cotidiano da comunidade, as mulheres de Santa Luzia buscam meios de organização sociopolítica para alcançar melhoria e desenvolvimento local através de organizações comunitárias formais. Acerca disto, Silva (2012, p. 30) explica que,

Para a dinâmica de todo esse processo faz-se necessária a participação da população através dos conselhos, na formulação ou como tem sido, na discussão acerca dos programas que chegam prontos e uniformes para todo o Brasil [...]. A dinâmica de todo esse processo se relaciona com a participação popular tanto na formulação de programas, quanto no controle social das ações e do fundo de assistência social.

O estudo revela que 80% das entrevistadas pertencem a alguma organização comunitária, conforme o gráfico abaixo.

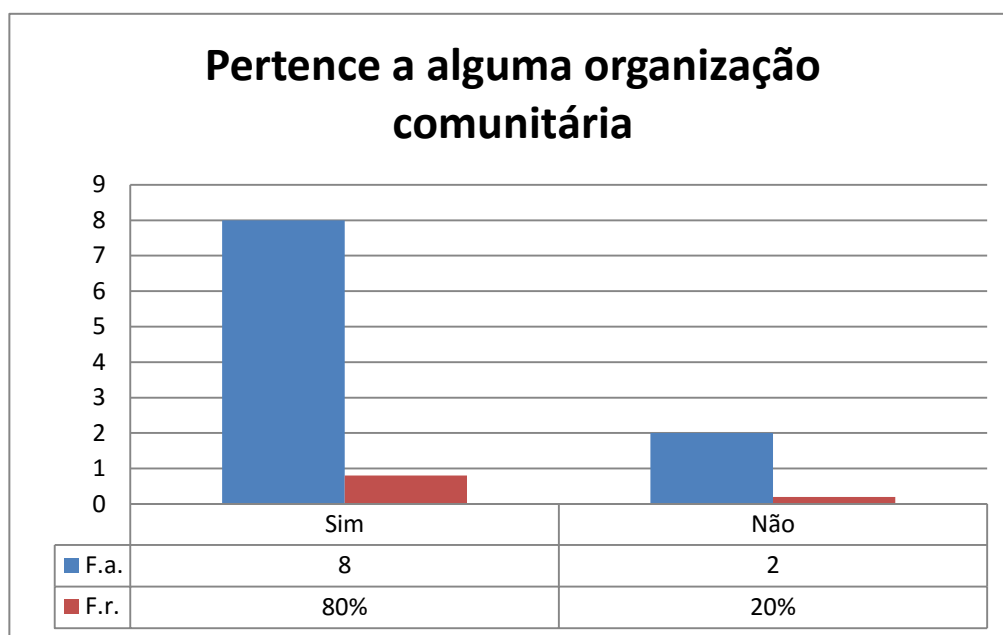


Gráfico 11– Pertence a alguma organização comunitária  
 FONTE: PIBIC/2014

Na comunidade existem alguns tipos de organização formal, uma associação de produtores rurais e um grupo de produção de costura denominado Mulheres girassol. Os dados desta pesquisa mostram que 60% das informantes ocupam algum cargo dentro dos grupos que estão inseridas, conforme o gráfico a seguir.

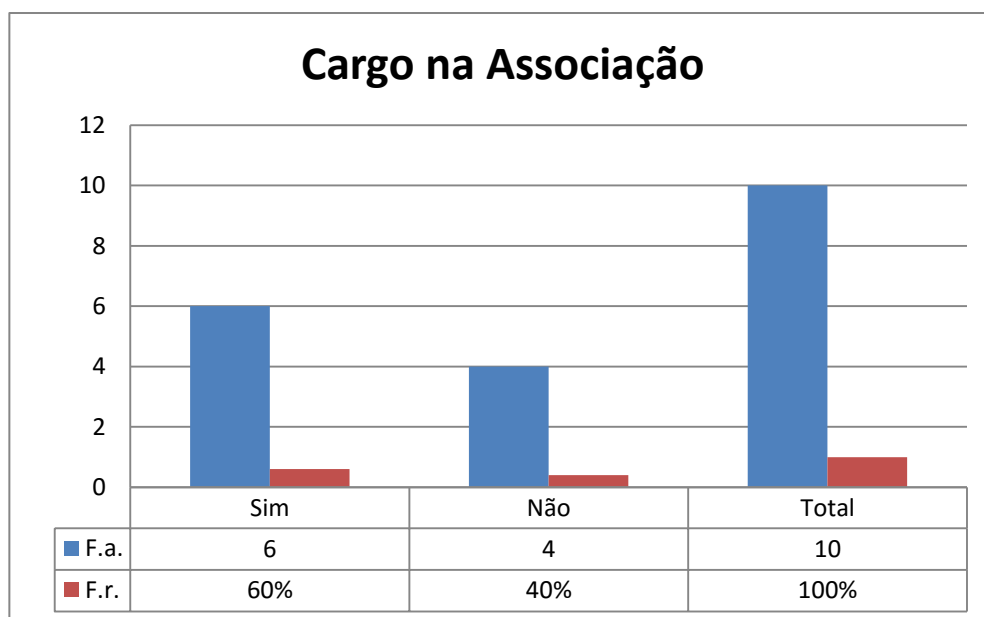


Gráfico 12 – Cargo na Associação  
 FONTE: PIBIC/2014

Destaque-se que as mulheres ribeirinhas de Santa Luzia tem se organizado para alcançar melhorias para a comunidade através da geração de renda, para isso elas participam de um grupo de produção de costura denominado “Mulheres Girassol” que é uma organização comunitária formada por aproximadamente 10 mulheres costureiras, foi criado em 2013 com o objetivo de gerar renda para as mulheres ribeirinhas e suas famílias. Uma das informantes explica: “o grupo de costura surgiu de uma proposta apresentada pelo Grupo Interação, tivemos interesse e juntamos todas que queriam costurar” (M, 60 anos, entrevista/2014).

Este grupo de produção foi criado a partir de uma proposta do Grupo de Pesquisa Inter-Ação da Universidade Federal do Amazonas que através do Parque Científico e tecnológico para Inclusão Social propôs às mulheres a disponibilização de máquinas de costura para produção de materiais para consumo e venda.

As mulheres da comunidade se uniram e tomaram a decisão de formar um grupo de costura, para isso construíram uma casa de costura coletiva, conforme a figura 06 e 07.



Figura 07: Casa de Costura externo  
FONTE: PIBIC/2014



Figura 08: Casa de Costura interno  
FONTE: PIBIC/2014

Desta forma, se constituiu o Grupo de Costura Mulheres Girassol que está gerando renda as mulheres da Comunidade de Santa Luzia e também tem se configurado como uma nova forma de trabalho das mulheres ribeirinhas.

Observe-se que a organização e formação deste grupo de costura além de gerar renda às mulheres da comunidade também funciona como um espaço para socialização e estabelecimento de vínculos afetivos de amizade através da cooperação para geração de renda, é o que revela o gráfico 13, em que 80% das informantes afirmam ter uma relação de amizade com os demais.

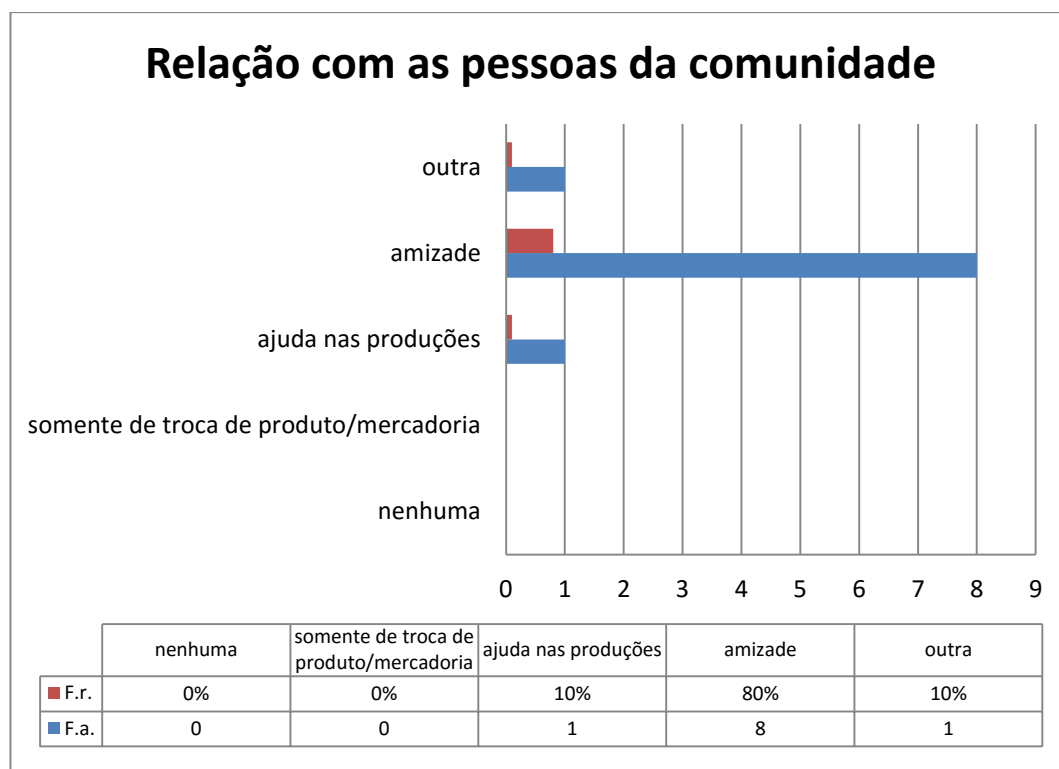


Gráfico 13 – Relação com as pessoas da comunidade  
 FONTE: PIBIC/2014

Por outro lado, o estabelecimento desses vínculos fortalecem as atividades de produção de forma coletiva e também de comemoração e festejos da comunidade, que se organiza para festas e torneios de futebol com outras comunidades da região, conforme mostra o gráfico a seguir.



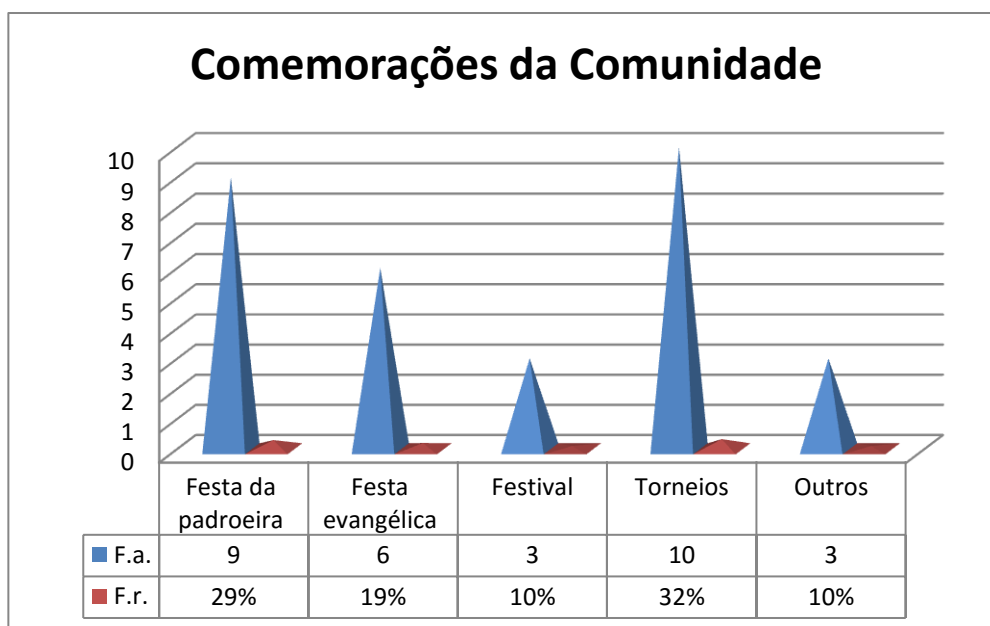


Gráfico 14 – Comemorações da comunidade  
 FONTE: PIBIC/2014

Estas comemorações se configuram como uma forma de organização cultural que ocorre anualmente e faz parte da agenda de eventos da comunidade, em que todos se organizam e oportunizam aos comunitários momentos festivos que resguardam os valores, a cultura local e dialogam com a realidade sociocultural histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar as relações de gênero na forma do trabalho das mulheres ribeirinhas de Santa Luzia, apontando os aspectos da cultura local e do modo de vida das populações tradicionais da Amazônia.

Diante do que foi proposto, verificou-se que as mulheres ribeirinhas de Santa Luzia são mulheres entre 25 e 34 anos e que, em sua maioria, estudam e que reconhecem a importância da educação formal no processo de emancipação social. Em relação à renda, verificou-se que estas mulheres possuem renda própria e que se reconhecem como provedoras da família por meio do seu trabalho na agricultura familiar e comunitária.

Notou-se que o trabalho realizado por essas mulheres assume características tradicionais e culturais formadas pelo processo de aprendizado dentro da própria comunidade repassada entre as gerações através da tradição oral, que envolve toda a família, e que para além das atividades da roça, as mulheres desenvolvem diversas atividades no contexto comunitário. Deve-se reconhecer, portanto, que essas mulheres assumem uma múltipla jornada de trabalho, dando conta do trabalho na roça, atividades domésticas, educação dos filhos e trabalho na Costura.

Constatou-se, também, a importância do processo de produção de farinha e que as mulheres participam efetivamente desse processo, porque possuem uma técnica própria de cultivo da mandioca que remete aos saberes tradicionais construídos culturalmente através da tradição e dos costumes das populações tradicionais da Amazônia. Este estudo revela a participação das mulheres ribeirinhas em trabalhos pesados na roça, quando carregam os paneiros de mandioca na cabeça até a casa de farinha, além de prepararem o terreno para o plantio através do ajuri, que se configura como uma forma de organização do trabalho.

Em relação a organização do trabalho verificou-se que as mulheres ribeirinhas de Santa Luzia se organizam para o bem comum da família e da comunidade em que vivem através do trabalho além de se organizarem em grupos que promovam a geração de renda entre todos os envolvidos. Por fim, ficou patente o fato de que essas mulheres assumem uma postura de protagonismo

acerca da organização comunitária, estando a frente atividades coletivas de trabalho.

Diante dos resultados deste estudo, sugere-se então que a sociedade civil e o Estado abram um debate que remeta para a elaboração de políticas públicas para a inclusão dessas mulheres em outros programas de geração de renda que atendam de fato as especificidades locais. Faz-se necessário, portanto, buscar soluções para possibilitar o acesso das mulheres ribeirinhas à políticas sociais que considerem e resguardem a sua forma de trabalho e a cultura das populações tradicionais da Amazônia.

## CRONOGRAMA

	Ago 2014	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2015	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Pesquisa bibliografica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Leitura e fichamento de textos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Elaboração do tcle e do termo de anuência	X											
Apresentação do projeto a comunidade	X											
Elaboração dos instrumentos de pesquisa		x	X									
Aplicação do tcle e do termo de anuência		x	x	X								
Aplicação de formulários e entrevistas semiestruturadas e		x	x	x	X							
Elaboração do relatório parcial					x	X						
Sistematização dos dados					x	x	x	X				
Montagem do banco de dados								x	x	X		
- Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória) - Preparação da Apresentação Final para o Congresso (atividade obrigatória)								x	x	x	x	x

## REFERENCIAS

- ARENDDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro. Forense Universitaria, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho/ São Paulo. Cortez, 2010.
- BARROSO, Silvana Compton. Organização Sociopolítica nas Comunidades Ribeirinhas de Maués, Manaus: UFAM, Dissertação de Mestrado, 2010.
- CHAVES, Maria do Perpetuo Socorro. Uma experiência de Pesquisa-Ação para Gestão Comunitária de Tecnologias Apropriadas na Amazônia: O estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 2001.
- LESSA, Sergio. Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo/ São Paulo. Cortez, 2007.
- FRAXE, Therezinha. Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume, 2000.
- MARX, Karl. O Capital. Editora Bertrand Brasil, 1890.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SILVAN, Denison. Protagonismo feminino no Amazonas. In: TORRES, Iraíldes Caldas e SANTOS, Fabiane Vinento. (org)Intersecção de Gênero na Amazônia. Manaus: Edua, 2012
- SOIHET, Raquel. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda. (org). Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.
- TORRES, Iraíldes Caldas. As primeiras damas e a assistência social: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org). O ethos das mulheres da floresta. Manaus: Valer, 2012.
- \_\_\_\_\_. In: TORRES, Iraíldes Caldas e SANTOS, Fabiane Vinento. (org)Intersecção de Gênero na Amazônia. Manaus: Edua, 2012